

Economia - Brasil

Exportadores produzem no limite da capacidade

Falta de investimentos leva segmento a operar a todo vapor, ajudando a provocar inflação

MARCELO REHDER

Os setores exportadores, que foram favorecidos pela alta do dólar, estão trabalhando no limite de sua capacidade de produção. Além de pressionar a inflação, essa situação pode criar sérios gargalos nos próximos meses: limita um eventual reaquecimento do mercado interno e, ao mesmo tempo, restringe as perspectivas de que o País consiga manter o ritmo atual de crescimento do superávit comercial. Ao contrário, a escassez de produtos no mercado interno tende a estimular as importações, comprometendo ainda mais o equilíbrio das contas externas.

Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) mostra que um grupo de 67 indústrias que respondem por um terço das exportações brasileiras já operava com 86% da capacidade no mês passado. Esse nível de ocupação é cinco pontos percentuais superior ao registrado em igual período de 2001.

“Os setores exportadores estão no limite. Acima de 85% de utilização da capacidade já é necessário programar novos investimentos”, diz o diretor do Departamento de Competitividade da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Mário Bernardini.

O quadro é mais grave. A sondagem conjuntural feita pela FGV com cerca de 1.200 empresas indica que as indústrias de bens intermediários, aqueles que são absorvidos na

produção de outros bens, como o aço nos automóveis e o papelão nas embalagens, são os que têm menos margem para fazer frente ao aumento de demanda. Segundo a FGV, as fábricas de celulose, papel e papelão estão operando com 93,4% da capacidade. Na metalurgia e siderurgia, o índice está em 89,3%. Já a indústria da borracha opera a 88,2%, enquanto na química o nível de utilização está em 85,3% da capacidade instalada.

“A capacidade que as empresas têm daqui para frente de produzir ganhos importantes na ex-

portação está limitada”, observa o chefe do Centro de Estatísticas e Análises da FGV, Salomão Quadros. “O desvio da produção para o mercado externo é um fator de pressão de custos, na medida em que o mercado interno der sinais de reativação”.

Como as perspectivas para o crescimento da economia no primeiro semestre de 2003 não são muito favoráveis, Quadros afirma que os problemas efetivamente devem ocorrer a partir de julho do próximo ano. “Aumentar exportações em detrimento do mercado interno tem como consequência imediata um aumento de preços, seja pela escassez de produtos, seja pela necessidade de importar.”

De certa maneira isso já acontece atualmente. Com o câmbio ainda bastante favorável, empresas de setores como os de siderurgia e petroquímica, entre outros, vêm direcionando o grosso de sua produção para o mercado externo.

Segundo o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Flexíveis (Abief), Sérgio Haberfeld, as petroquímicas aumentaram os preços das resinas plásticas alegando que conseguem preços melhores lá fora. O resultado disso, segundo Haberfeld, é que os fornecedores já elevaram os preços dessas resinas em 64% este ano, sendo 10% só este mês. “Como se trata de uma commodity, eles conseguem elevar os preços só com ameaças.”

O cenário para as empresas que dependem do setor siderúrgico não é muito diferente do enfrenta-

do pelas indústrias de embalagens. De acordo com o vice-presidente do Sindicato Nacional dos Fabricantes de Autopeças (Sindipecas), Dettloff Von Simson, os fornecedores de aço vêm honrando os pedidos que têm em carteira, mas alegam não ter como atender pedidos extras. “A informação que temos é a de que a exportação vai indo muito bem e as siderúrgicas, que estão no limite, dão prioridade aos compromissos externos.”

Só nos nove primeiros meses deste ano, o volume das exportações de aço semi-manufaturado

cresceu 38% na comparação com igual período de 2001. Nesse mesmo período, as vendas externas de aço laminado aumentaram 24%. Não por menos, segundo o vice-presidente do Sindipecas, o preço do aço laminado a quente subiu 44% este ano e o do laminado a frio e galvanizado, 39%. “O último reajuste foi aplicado no início deste mês, mas já há um zunzum no mercado de que vem outro aumento em dezembro.”

Um dos remédios para tentar amenizar esses problemas seria a retomada dos investimentos na

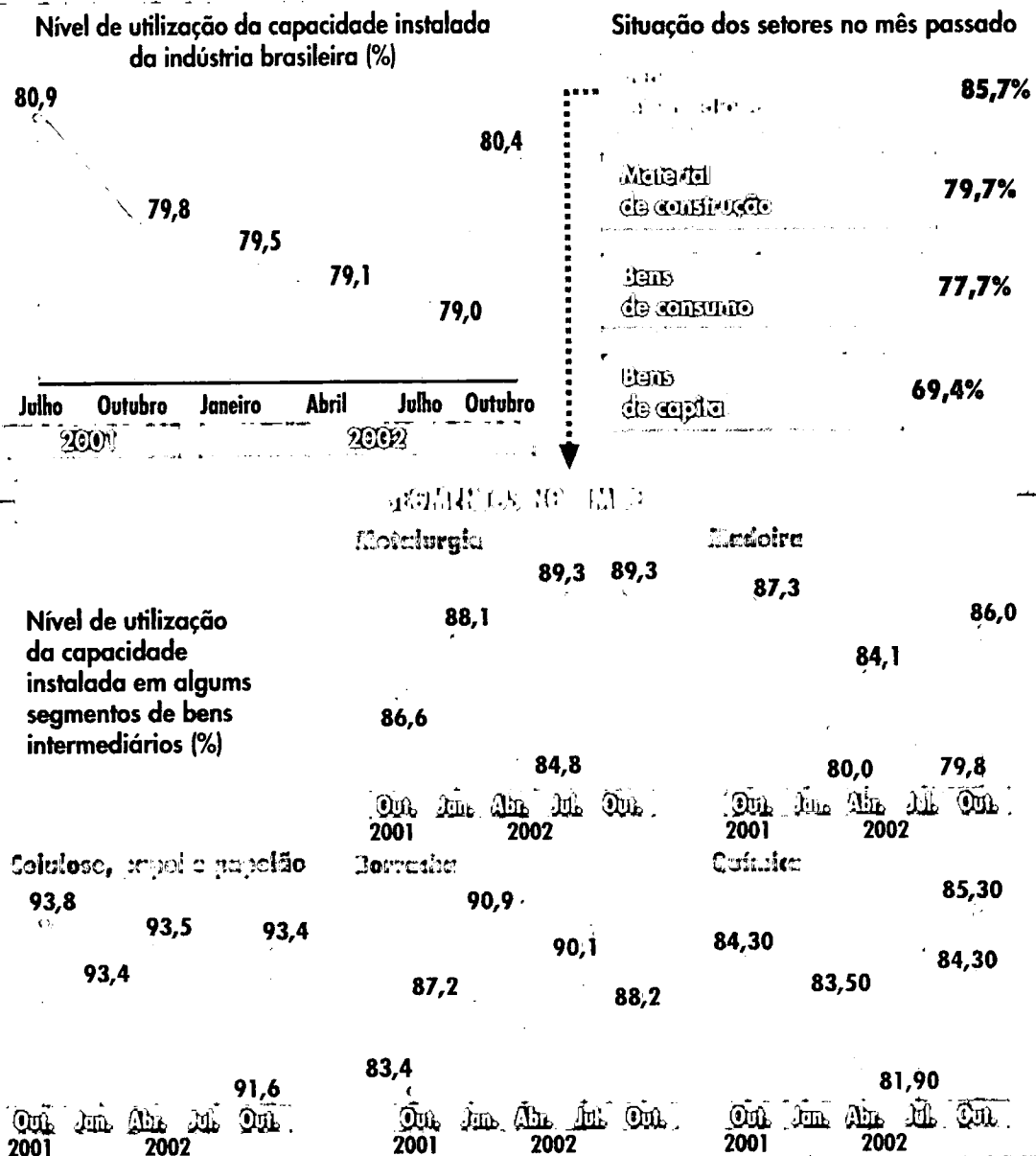
SITUAÇÃO DE EMPRESAS PODE CRIAR GARGALOS

produção. Segundo a diretora do Departamento de Estudos e Pesquisas Econômicas da Fiesp, Clarice Messer, as incertezas que levaram as indústrias a engavetar seus projetos de investimentos agora são menores e a tendência é de que, aos poucos, eles sejam retomados. “Estamos caminhando na direção da retomada dos investimentos.”

Para o diretor-executivo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), Júlio Sérgio Gomes de Almeida, o governo pode desempenhar papel importante no processo de adequação da produção às necessidades do mercado. “O governo tem de formular programas específicos para ampliar a capacidade de setores em que a situação é mais crítica. Do contrário, o custo de ter inflação alta e não exportar mais nem substituir importações será muito grande.”

Na avaliação do presidente da Associação Brasileira de Comércio Exterior (Abracex), Primo Roberto Segatto, as exportações podem crescer 60% em 2003. Mas para isso, segundo ele, seria necessária a definição de programas de incentivos setoriais. O primeiro passo já foi dado: Segatto entregou à equipe de transição de governo uma proposta para a retomada da Comissão de Concessão de Benefícios Fiscais à Exportação (Befiex), extinta em 1990. O programa prevê isenção total de impostos na importação de máquinas e equipamentos, e de 50% na compra de matérias-primas e componentes. Em contrapartida, a empresa se compromete a exportar de cinco a dez vezes o valor importado. “O saldo comercial pode até não crescer muito, mas assim conseguiríamos aumentar o emprego e a produção.”

BAIXA OCIOSIDADE



VENDAS

PODEM
CRESCER 60%
EM 2003